

A inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil: uma revisão sistemática

Paula Alves de Lima¹

Estela Aparecida Oliveira Vieira²

Resumo: O presente artigo trata sobre a inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) no ensino regular e tem como objetivo buscar entender o processo de ensino aprendizagem das crianças com Transtorno do Espectro Autistas na educação infantil a partir das estratégias utilizadas pelo professor regente na sala de aula. A pesquisa é de caráter quanti-qualitativo e a metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica, a partir da elaboração de um protocolo que teve como base de busca a plataforma Google Acadêmico, o idioma português, os descritores de busca foram estratégias, professor regente, processo de ensino-aprendizagem, Espectro Autista e Educação Infantil, com o operador booleano AND. A data dos estudos foram entre 2018 e 2020 e os tipos de estudo foram artigos, TCC, teses e dissertações. Foram encontrados 121 trabalhos destes 31 foram selecionados e após uma análise mais profunda, levando em consideração a introdução, metodologia e considerações finais dos textos pesquisados foram selecionados 16 trabalhos. Foi realizada a categorização do material encontrado nos textos em oito tópicos: (I) educação inclusiva, (II) educação infantil, (III) as práticas pedagógicas, (IV) o Atendimento Educacional Especializado (AEE), (V) as características das escolas de ensino regular para o acolhimento do estudante com Transtorno do Espectro Autista, (VI) o papel do professor regente, (VII) atuação do professor de apoio e a (VIII) tecnologia assistiva no processo de inclusão. Ao final da discussão de cada categoria, pode-se concluir que para a real inclusão da criança autista no ensino regular é necessário que se vença vários obstáculos, é preciso que a escola promova uma educação igualitária e de qualidade, não apenas com adaptações físicas é preciso que seja desenvolvida estratégias para que os alunos com TEA tenham as mesmas oportunidade, o professor deve promover uma educação de todos para todos, respeitando a individualidade de cada aluno, deve estar aberto a adaptações das atividades sempre que necessário, e sobretudo promover a autonomia desse aluno, outro aspecto que se destaca é a falta de conhecimento sobre o assunto.

Palavras chave: Autismo. Inclusão. Atendimento Educacional Especializado. Professor Regente. Professor de apoio. Educação Infantil.

Abstract

This article deals with the inclusion of children with Autism Spectrum Disorder (ASD) in regular education, and aims to seek subsidies to understand the teaching process learning of children with Autism Spectrum Disorder in early childhood education through the strategies used by the teacher conductor in the classroom. The research is of a quanti-qualitative character and the methodology used was the bibliographic review, based on the elaboration of a protocol that was based on the search platform Google Scholar, the Portuguese language, the search descriptors were strategies, governing professor, process teaching-learning, Autistic Spectrum

¹ Graduanda/o do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: paula.291290@gmail.com

² Orientadora, e-mail estela.ap.o.vieira@gmail.com

and Early Childhood Education, with the Boolean operator AND. The date of the studies was between 2018 and 2020 and the types of study were articles, CBT, theses and dissertations. 121 works were found out of these 31 were selected and after a deeper analysis, taking into consideration the introduction, methodology and final considerations of the researched texts, 16 works were selected. The material found in the texts was categorized into eight types: (I) inclusive education, (II) early childhood education, (III) pedagogical practices, (IV) Specialized Educational Service (AEE), (V) the characteristics of schools regular education for the reception of autistic children, (VI) the role of the conducting teacher, (VII) the role of the support teacher and (VIII) technology in the inclusion process. At the end of the discussion of each category, it can be concluded that for the real inclusion of the autistic child in regular education it is necessary to overcome several obstacles, it is necessary that the school promotes an equal and quality education, not only with physical adaptations. Strategies need to be developed so that students with ASD have the same opportunities, the teacher must promote an education for all for all, respecting the individuality of each student, must be open to adaptations of activities whenever necessary, and above all promote autonomy of this student, another aspect that stands out is the lack of knowledge on the subject.

Keywords: Autism. Inclusion. Specialized Educational Service. Regent Teacher. Support Teacher. Child education.

1. Introdução

Os estudos sobre Autismo tiveram início com o suíço Eugen Blawler, que em 1911 deu origem a terminologia Autismo. O termo deriva do grego “Autos” que significa voltar-se para si mesmo, foi utilizado para designar a perda de contato com a realidade e a dificuldade de comunicação, geralmente presente nos casos de autismo. Essa fuga da realidade, inicialmente foi utilizada para descrever o afastamento do mundo exterior em adultos com esquizofrenia, que tendem a mergulhar em suas próprias fantasias e pensamentos. É em 1943 que o termo autismo passa a ser classificado em uma nova nosografia psiquiátrica e deixa de ser uma característica da esquizofrenia, quando Kanner a intitulou em seus estudos como “Distúrbios autísticos do contato afetivo”. Foi em 1989 que o Manual de Diagnóstico e Estatística da Associação Americana de Psiquiatria (DSM-R) classificou o autismo, ao lado da esquizofrenia e da psicose, na categoria portadores de Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD). Essa categoria se refere aos casos em que as áreas básicas do desenvolvimento são afetadas. A versão mais atual do DSM é a 5ª, de 2013 que passa a redefinir o diagnóstico do autismo a partir do conceito do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que o classifica em graus que variam de acordo com a funcionalidade e dependência do paciente (SCHMIDT, 2017).

Atualmente o autismo é classificado como um TGD alterações que comprometem a comunicação, a interação social e reforça as atividades restritas-repetitivas. Os primeiros sintomas podem aparecer a partir de um ano e meio de idade em casos mais severos. O autismo possui muitas variantes, por isso, é usado o termo espectro, esses subgrupos são classificados

de acordo com o grau de comprometimento, podemos citar as seguintes variantes: o autismo clássico, este é identificado na infância, a criança neste caso não fala ou possui a fala ecolalia, repetindo as falas já ouvidas, e possuem dificuldade de se comunicar. Há também o Autismo de Asperger ou Autismo de Alto Funcionamento, é o tipo mais leve de autismo, pois tem um grau de comprometimento menor, a criança possui grande inteligência e altas habilidades em suas áreas de interesse. Outra variante seria o Transtorno Desintegrativo da Infância ocorre em sua maioria nas crianças de sexo masculino, essas se desenvolvem normalmente até os 3 ou 4 anos de idade, a partir daí começa um processo de regressão. E temos ainda o Autismo Atípico, são aquelas crianças que não se encaixam em nenhuma das variantes acima (GRACIOLO; BIANCHI, 2014, p.129).

Para que a inclusão do aluno autista de fato ocorra se faz necessária a adoção de diversas intervenções que propiciem a autonomia e o seu bem estar. Para isso a escola precisa se adaptar ao aluno, suas necessidades, dificuldades e potencialidades, mas vai muito além de adaptações física/estruturais, é necessário ações de qualidade, como nos afirma Cunha:

E como se faz a inclusão? Primeiro, sem rótulos e, depois, com ações de qualidade. Nos rótulos, encontram-se as limitações do aprendente, ou melhor, as nossas limitações. Devemos olhar para ele e transpormos as impressões externas das barreiras do ceticismo. São elas que mais impedem a inclusão do educando em nossos esforços e sonhos (GRACIOLI; BIANCHI, 2014 p. 129).

Nada adianta uma escola toda equipada, sem um docente com novas metodologias e perspectivas de atuação. O professor precisa de autonomia para elaborar seu plano de aula e executá-lo com sucesso e ter um apoio da equipe escolar para auxiliá-lo sempre que necessário. Barberini (2016, p.50) assinala que apesar das dificuldades, os educadores devem proporcionar oportunidades iguais aos alunos para que as crianças com autismo sejam aceitas pela turma, valorizando-os, aceitando as suas limitações e respeitando as suas diferenças.

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir as experiências acadêmicas, mas se ampliar para todas as experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos normais ou especiais. Sendo assim as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez seja os conteúdos que serão ensinados (SILVA; FRANÇA; SOBRAL, 2019 p. 753).

É importante que o estudante com Transtorno do Espectro Autista, realize as mesmas atividades que os demais alunos, mas o professor deve estar atento e realizar atividades individuais para observar o seu desenvolvimento, e quando não ocorrer dentro do esperado, as atividades diferenciadas são uma estratégia pedagógica necessária, pois estas são capazes de igualar as oportunidades, valorizando assim o aluno e não os deixando de lado na sala de aula.

De acordo com Barberini “as atividades devem possuir caráter terapêutico, afetivo, social e pedagógico” (BARBERINI, 2016 p. 50), o que proporciona um vínculo entre o professor e o aluno.

Assim “o ingresso na escola é um marco importante no desenvolvimento das crianças. Não apenas para o aprendizado em si, mas também pelo desenvolvimento social e pela formação do ser humano como um todo” (ARAUJO, 2018 p. 52). As relações desenvolvidas no ambiente escolar, são fundamentais para o desenvolvimento da criança com autismo, pois é capaz de proporcionar novas vivências e experiências, possibilitando ricas relações, que são fundamentais para a libertação do indivíduo autista do seu mundo isolado, mas este processo deve ser feito com muita cautela para que ele se adapte à nova realidade.

Para entender melhor como os professores regentes trabalham com os estudantes autistas em sala de aula, realizamos uma revisão sistemática, para buscar compreender as estratégias utilizadas pelo professor regente no processo de ensino aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil.

2. Metodologia

Esta pesquisa consiste em uma revisão bibliográfica, que com base na estruturação do protocolo de pesquisa pretende levantar as bases teóricas que sustentam a temática até o presente momento. Este método reúne informações e dados para a construção de uma investigação, é realizado um levantamento bibliográfico para um melhor estudo do tema escolhido (VIEIRA, 2021).

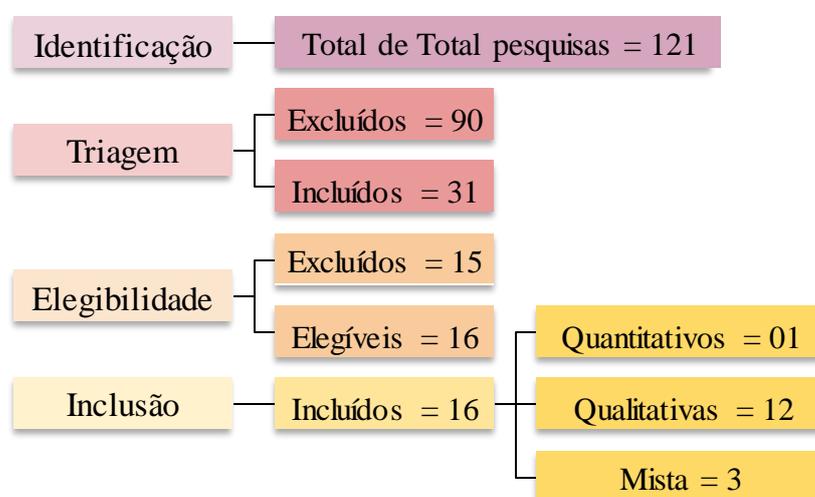
Esta revisão bibliográfica se organiza em várias etapas: a) Coleta de dados: nesta fase são realizadas as pesquisas e é feito um levantamento bibliográfico que será usado durante o estudo do tema. b) Análise da documentação: esta etapa que requer muita atenção, pois é aqui que se identifica a relação do material como tema escolhido. c) Síntese: aqui se constrói a síntese da investigação, esta dará origem ao relatório final da pesquisa. d) Resultado: neste momento são divulgados os resultados da investigação.

A revisão sistemática é então feita com o intuito de levantar conhecimentos disponíveis sobre as teorias de um determinado tema, a fim de analisar, produzir ou explicar o objeto que está sendo investigado (TYBEL, 2017). Para que ela seja de fato satisfatória exige dedicação e atenção, pois é necessária uma análise crítica do pesquisador, para que ele possa solucionar as possíveis dúvidas a respeito do tema investigado.

Para tal foi elaborado o protocolo de pesquisa partindo do objetivo de compreender quais as estratégias utilizadas pelo professor regente no processo de ensino-aprendizagem da

criança com Transtorno do Espectro Autista. Os recursos e estratégias para a busca e seleção de estudo foram definidos e selecionados com base em seis itens fundamentais: (I) fonte de busca: Google Acadêmico, (II) idioma: português, (III) descritores: estratégias, professor regente, processo de ensino-aprendizagem, Espectro Autista e Educação Infantil, (IV) operador booleano AND, (V) data entre 2018 e 2020 e (VI) material: artigos, trabalho de conclusão de curso, teses e dissertações. Com os critérios estabelecidos inicialmente, a busca ocorreu durante os meses de agosto e setembro de 2020. Foram encontrados 121 trabalhos entre eles artigos, trabalhos de conclusão de curso, teses e dissertações no portal Google Acadêmico.

Figura 1: Fluxo de seleção de artigos para a revisão sistemática



Fonte: desenvolvido pelas autoras

Em seguida 31 trabalhos foram selecionados a partir do título, resumo e tipo de literatura relacionados a temática. Utilizando os critérios de inclusão foram selecionados 01 artigo, 10 trabalhos de conclusão de curso, 03 teses, 13 dissertações, 01 anais de evento, 03 revistas que tratam sobre as estratégias utilizadas pelo professor regente no processo de ensino aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil. Por fim, como critério de exclusão trabalhos que não eram relacionados com o tema como: fora da temática (23), Projetos Políticos Pedagógicos (11), professor de apoio (17), fora da faixa etária (23), tratam do EJA (03), trata de outras deficiências (10), não abriam (03).

Tabela 1 - Apresentação dos artigos incluídos na revisão

Ano	Autor/es	Título	Tipo de trabalho
2019	SANTOS, J. M. L. G. Á.	Desafios e possibilidades da Escola pública na inclusão de aluno com Transtorno do Espectro Autista na Educação Infantil	Dissertação (mestrado), Universidade de Taubaté.
2018	FERREIRA, Lidiane de Souza	A inclusão e o Atendimento Educacional do aluno autista na rede regular de ensino	Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Nossa Senhora Aparecida – FANAP.
2019	URPIA, A.G.B. da C; FORNO, L. F.D.; SILVA, I.V.	A gestão do conhecimento na Educação Especial: estudo de caso dos estudantes autistas da cidade de Toledo-PR	Revista Educação e Sociedade, p. 81-113
2018	RIBEIRO, Cristiane Karoline	A produção científica sobre o autismo e inclusão do Congresso Brasileiro de Educação Especial de 2018	Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura/Bacharelado em Educação Física), Faculdade de Educação Física da UFU.
2019	BARBOSA, Thiely Oliveira	Educação e tecnologia: Os desafios para a educação e tecnologia no contexto da educação básica no processo de inclusão do aluno com TEA.	NEOgrafia TCC do Curso de Pedagogia, p. 177-215, Universidade Anhanguera Uniderp.
2018	DAMBROS, Aline Roberta Tacon	Inclusão de alunos com transtorno do espectro autista: Um estudo em contexto de escolarização no estado de São Paulo	Tese (Pós-Graduação em Educação), Universidade Estadual de Maringá Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes.
2018	SANTOS, G. C. D. dos, SACHINSKI, I.	Os desafios da escola na inserção dos alunos autistas	Anais de eventos: 6º Simpósio de Pesquisa e 12º Seminário de Iniciação Científica, p. 27-37
2018	ARAÚJO, Yasminne Medeiros	Inclusão escolar de um aluno autista: O processo de ser e estar incluído	TCC (Licenciatura em Pedagogia), UnB-FE
2018	SILVA, Angélica Maria Aguiar	Educação inclusiva: Realidade e desafios no cotidiano de crianças autistas	Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), Universidade Federal da Paraíba.
2019	RODRIGUES, Simone Beatriz Luiz	Docência na educação infantil: Desafios e possibilidades da inclusão de crianças com diferentes deficiências	Dissertação (Pós-Graduação em Educação), Universidade do Planalto Catarinense.
2019	PEREIRA, Gláucia Tomaz Marques	Inclusão escolar e formação integral da pessoa com o transtorno do espectro autista: caminhos possíveis	Dissertação (Mestrado), Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia de Goiás.
2019	OLIVEIRA, Rafaela Rei de Souza	O Atendimento Educacional Especializado (AEE) em sala de recursos multifuncionais: A visão do professor de sala comum/ professor de AEE.	Trabalho de Conclusão de Curso (Pedagogia), Universidade Federal de Rondônia.
2018	FERREIRA, Nathalia Duarte	Inclusão de Crianças com Necessidades Especiais no Ensino Regular	Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia), UEAM.
2019	PICOLINI, Beatriz Ribeiro Aleluia	Trajetória Formativa/Profissional de professores de apoio e professores regentes em concisão de bi docência	Dissertação (Pós-graduação em Educação), Universidade Federal de Goiás.
2018	BARBOSA, Marily Oliveira	Estudante com Transtorno do Espectro Autismo (TEA) na escola: desafios para a ação educativa compartilhada.	Tese (Pós-Graduação em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos.
2018	SILVA, Rossicleide Santos	Possibilidades Formativas da Colaboração entre Professores do Ensino Comum e Especial em um Município Paraense.	Dissertação (Mestrado em Educação Especial), Universidade Federal de São Carlos.

Fonte: desenvolvido pelas autoras

Após uma análise mais profunda levando em consideração a introdução, metodologia e considerações finais dos textos pesquisados foram selecionados 16 trabalhos, que foram categorizados e indicaram: trabalhos realizados em 2018 (08), trabalhos realizados em 2019 (08). Os tipos de trabalhos encontrados foram: dissertações (05), artigo (02), Trabalhos de Conclusão de Curso (06), teses (02), anais de eventos (01). Desses o tipo de metodologia empregada eram a pesquisa qualitativa (12), a quantitativa (01), a pesquisa mista-qualitativa e quantitativa (03). Sobre o tema abordado: inclusão (09), Educação Infantil (03), das práticas pedagógicas (08), do Atendimento Educacional Especializado (05), do ensino regular (04), do papel do professor regente (07), da atuação do professor regente e do professor de apoio (07), sobre o uso da tecnologia na inclusão (01). E com o mesmo critério de exclusão utilizado na primeira análise: fora da faixa etária (07), fora do tema de pesquisa (08).

3. Resultados e discussão

Esta pesquisa busca entender o processo de ensino aprendizagem das crianças com Espectro Autistas a partir das estratégias utilizadas pelos professor regente na sala de aula. A análise do conteúdo foi baseada nas perspectivas de Bardin, que divide esta etapa em três fases fundamentais a pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados – a interferência e a interpretação (CÂMARA, 2013).

Na fase de pré-análise foi realizada uma seleção do material que tratava sobre o tema sendo então selecionados 31 documentos, destes foi feita uma “leitura flutuante”, para que fossem selecionados os que realmente se enquadram no tema, nesta etapa foram selecionados 16 documentos e 15 foram excluídos com justificativa. Começou então a fase de exploração do material, sendo então realizada uma leitura mais minuciosa e feita uma categorização.

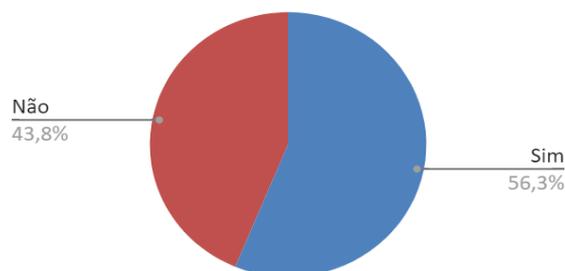
A categorização foi feita por meio da correlação entre os textos, e os assuntos mais relevantes que intitulam as oito categorias, que são: (I) educação inclusiva, (II) educação infantil, (III) as práticas pedagógicas, (IV) o Atendimento Educacional Especializado (AEE), (V) as características das escolas de ensino regular para o acolhimento da criança autista, (VI) o papel do professor regente, (VII) o papel do professor de apoio e a (VIII) tecnologia no processo de inclusão. Após a categorização se inicia a terceira fase que é o tratamento dos resultados sendo realizada a interpretação dos dados coletados.

a. Educação Inclusiva

A educação inclusiva busca a participação de todos os estudantes nos estabelecimentos de ensino regular, promovendo assim o direito a uma educação igualitária, de qualidade e com

os apoios complementares necessários para que os ajudem adequadamente, vemos que a inclusão é de fato um desafio para a escola e para toda a sociedade (FERREIRA, 2018).

Figura 2- Educação Inclusiva



Fonte: desenvolvido pelas autoras

O gráfico acima representa em sua parte vermelha que 43,8% dos trabalhos pesquisados não apresentaram informações significativas sobre a educação inclusiva e 56,3% foram utilizados nesta pesquisa. Segundo a Declaração de Salamanca (1994, p.17-18):

As escolas devem acolher todas as crianças, independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem-dotadas; crianças que vivem nas ruas e que trabalham; crianças de populações distantes ou nômades; crianças de minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas (apud FERREIRA, 2018 p. 8).

Em seu trabalho Ferreira (2018), nos deixa claro que a escola verdadeiramente inclusiva permite que todos possam aprender juntos, independentemente de suas diferenças, pois sabemos que para muitos a escola é o único espaço de acesso ao conhecimento e este para a pessoa autista é o primeiro passo para que eles se preparem para viver livres de preconceitos e barreiras.

Para que isso aconteça de forma satisfatória é preciso que toda a equipe escolar e o professor, estejam comprometidos com a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas, que levem em conta as especificidades de cada criança as respeitando e valorizando (SANTOS, 2019).

Em seus trabalhos Araújo (2018) e Ferreira (2018), evidenciam que as práticas de ensino devem ser analisadas e reestruturadas buscando dar oportunidade a todos sem distinguir esta ou aquela deficiência, proporcionando um processo educacional de qualidade, diz ainda que o professor deve estar atento aos limites de cada aluno e deve saber explorar suas possibilidades de forma conveniente. O que está de acordo com Oliveira (2019), no qual destaca que o que deve ser específico são os recursos, ferramentas, linguagens, tecnologias

para facilitar os processos de ensino-aprendizagem e diminuir ou eliminar as barreiras que se opõem aos processos de ensino.

Para as crianças com autismo a educação inclusiva é uma oportunidade de conviver com outras crianças, tornando-se base para o seu crescimento social, intelectual e individual, mas para que isso de fato ocorra é preciso que o professor o auxilie nesta socialização, dando meios e oportunidades para que isso aconteça (PEREIRA, 2019).

Rodrigues (2019) e Ribeiro (2019) deixam claro em seus textos que socialização além de favorecer o crescimento da criança com deficiência, permite que as demais crianças possam aprender com as diferenças e comecem a se perceber e a perceber os outros nessas diferenças e a respeitá-las.

A Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2014, p.1) enfatiza que:

A educação inclusiva constitui um paradigma educacional fundamentado na concepção de direitos humanos, que conjuga igualdade e diferença como valores indissociáveis, e que avança em relação à ideia de equidade formal ao contextualizar as circunstâncias históricas da produção da exclusão dentro e fora da escola (*Apud* RODRIGUES, 2019 p.74).

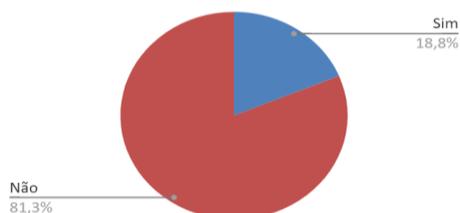
A inclusão da criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ainda é um grande desafio, devido às limitações e restrições destas pessoas, o que geram incertezas e receios, pois o autista possui necessidades específicas devido há falta de interação e comunicação, estas que são essenciais para processo de ensino e aprendizagem (RIBEIRO, 2019).

A inclusão da criança autista vai além das garantias expressas nas leis, é preciso que o professor seja capacitado, conheça sobre o espectro, tenha acesso a cursos de aperfeiçoamento para que assim seja superada as ações excludente que ainda se fazem tão presente em nossas escolas (DAMBROS 2018).

b. Educação Infantil

A educação infantil é a primeira etapa escolar das crianças e nesta fase elas buscam a apropriação de conhecimentos, aprendizagens, socialização e relações interpessoais. É na educação infantil que a criança aprende a criar vínculos afetivos e a aprender e respeitar as diferenças (RODRIGUES, 2019).

Figura 3 - Educação Infantil



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura 3 apresenta a proporção de trabalhos que tratam sobre a educação infantil, sendo assim vemos que 81,3% dos trabalhos não apresentavam em seu conteúdo as especificidades da Educação Infantil, e 18,8% tratavam sobre o assunto.

Esta etapa atende crianças de 0 a 5 anos, sendo que de 0 a 3 anos estas são atendidas em creches e de 4 a 5 anos nas pré-escola já em caráter obrigatório. Na Educação Infantil a criança deve sempre ser vista como o centro do currículo e das atenções.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil e da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, são documentos que apresentam os princípios que estruturam a Educação Infantil, nestes ficam nítidas as funções da Educação Infantil na vida das crianças, está deve proporcionar um desenvolvimento integral da criança de 0 a 5 anos nos aspectos físico, afetivo, intelectual, linguístico e social completando assim a ação da família e da sociedade.

O currículo da Educação Infantil não se baseia meramente em atividades mecanizadas é priorizada a brincadeira, que é a principal atividade da criança é que a auxilia no desenvolvimento de forma prazerosa.

A educação infantil é capaz de proporcionar diversas experiências para as crianças pela primeira vez e a Base Nacional Comum Curricular defende que na Educação Infantil devem ser garantidos seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento a nossas crianças, como: o de conviver com outras crianças e adultos, utilizando de diferentes linguagens; o de brincar em diferentes espaços e tempos; o de participar ativamente das atividade propostas pelo professor; o de explorar diferentes movimentos, sons, palavras, cores, emoções etc.; o de expressar o que sente, suas dúvidas, opiniões, dificuldade etc. e o de conhecer-se através da construção de uma identidade pessoal, social e cultural.

O objetivo desta etapa da educação é a promoção de aprendizagens significativas para as crianças, nesta fase o brincar, o lúdico é de suma importância, pois permite que as crianças

aprendam sobre o respeito às regras e limites, na conquista da independência e na socialização com os demais colegas (SANTOS, 2019).

Nesta fase que a criança começa a separar os significados e a visão, passa a ver as coisas com seu real sentido, esse processo que leva um tempo, não é feito de forma brusca, pois para criança essa é uma transformação muito difícil (SANTOS, 2019).

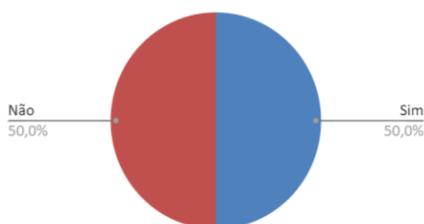
A Educação Infantil Inclusiva garante que as crianças com deficiência tenham uma educação de qualidade e mais que isso compreende que estas possuem capacidade de aprender, e permite que as crianças ditas “normais” tenham a possibilidade de entender que essas diferenças são algo normal (RODRIGUES, 2019).

Priorizar que as crianças com deficiência tenham acesso à educação infantil, permitiria que estas crianças tivessem acesso o quanto antes ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) complementar e suplementar, o grande problema é que ainda falta clareza sobre como realizar este atendimento para esta faixa etária (SILVA, 2018).

c. Práticas pedagógicas

As práticas pedagógicas desenvolvidas pelo educador são de suma importância para o desenvolvimento das crianças. Sendo assim é importante que o professor esteja consciente da necessidade de adaptações nas atividades desenvolvidas com as crianças autistas, principalmente se estas apresentarem outras deficiências (SANTOS; SACHINSKI, 2018).

Figura 4 - Práticas pedagógicas



Fonte: desenvolvido pelas autoras

Na figura 4 vemos que 50% dos trabalhos falam sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas na escola para a inclusão da criança autista e 50 % não tratam da temática desenvolvida neste tópico.

As adaptações são importantes para que todos os alunos tenham as mesmas oportunidades, com atividades que se enquadrem nas características individuais e diferenciadas de cada aluno (ARAUJO, 2018).

As práticas pedagógicas precisam ser repensadas de forma que favoreça o desenvolvimento e a autonomia de todo o alunado, é preciso que haja uma ação conjunta entre todos da escola, em especial os professores da educação especial e os professores da sala regular, pois só teremos uma prática pedagógica eficiente se toda a escola caminhar em prol do bem comum (SILVA, 2018).

É necessário que o docente veja cada aluno como único, analise suas necessidades e habilidades, o coloque como centro do currículo, para que assim utilize práticas pedagógicas eficientes, com atividades que se adaptam a cada aluno. A ação conjunta do professor de sala regular e do professor apoio é fundamental, pois o professor de apoio conhece mais a fundo as necessidades do aluno por estar próximo dele o tempo todo e pode auxiliar o professor regente na tomada de decisão do que seria mais apropriado e de quais alternativas poderia ser utilizadas para que este aluno consiga realizar as atividades junto com o restante da sala.

c.1 Práticas desenvolvidas

As práticas pedagógicas desenvolvidas com as crianças autistas devem ser claras e objetivas, o professor deve propiciar o trabalho com as emoções, com o que elas representam e trabalhar com a linguagem, que embora seja uma dificuldade para o autista, não se deve deixar de usar (DAMBROS, 2018).

O professor deve elaborar atividades mais atraentes, utilizando de diferentes abordagens, com materiais adequados, estes devem favorecer e estimular a criança autista, para que isso aconteça o professor pode utilizar alfabeto móvel, jogos da memória, jogos de sílabas etc. (SILVA, 2018).

Através de práticas pedagógicas bem desenvolvidas o professor é capaz de envolver o aluno com Transtorno do Espectro Autista, tornando o momento mais atraente e facilitando sua adaptação, é essencial que o professor conquiste a confiança deste aluno.

No processo de aprendizagem do indivíduo autista o professor deve “estimular sua percepção no desenvolvimentos de abstrações, ideias e pensamentos sendo estas condições relevantes para o seu desenvolvimento” (DAMBROS, 2018 p.112). Para otimizar as propostas pedagógicas o professor deve considerar fatores essenciais para os autistas como: socialização, concentração, linguagem, comportamento, hipersensibilidade, independência (DAMBROS, 2018).

Para que as práticas pedagógicas com o aluno autista alcance êxito é preciso que o professor adote rotinas bem definidas, tenha tranquilidade, chame a atenção de maneira

atenciosa e reconfortante, use sempre um tom de voz adequado e disponibilize diferentes formas de comunicação (SANTOS, 2019).

Sendo assim, para o desenvolvimento da socialização o professor pode utilizar jogos e brincadeiras sempre com seu intermédio, atividades de curto tempo para que a criança não fique irritada, atividades concretas e de interesse da criança para que se tornem mais atrativas. No caso da concentração o professor deve trabalhar com material visual e concreto, dividir as tarefas em etapas, fazer junto com a criança para que a mesma não desista. A linguagem pode ser trabalhada com figuras e relato de eventos. Para a hipersensibilidade deve ser mediada situações em que o barulho e até mesmo o toque o desregula, a independência deve ser sempre estimulada nas atividades diárias, em pequenos atos da rotina escolar (PEREIRA, 2019).

c.2 Dificuldade do professor

O professor enfrenta vários desafios quando está frente a uma sala de aula, e quando o assunto é o TEA, as coisas ficam um pouco mais complexas, pois o aluno com autismo requer atenção e estratégias pedagógicas claras e objetivas para que o mesmo alcance o êxito em suas atividades. Um desafio enfrentado pelo professor é quanto a comunicação do aluno autista, pois muitos não conseguem se comunicar oralmente e isto dificulta a interação social, além disso manter o aluno autista concentrado nas atividades é muito difícil, por isso é preciso atividades lúdicas e agradáveis para que a criança não fique irritada (SANTOS, 2019).

Os professores possuem algumas dificuldades, devido à falta de conhecimento a respeito do transtorno, e sobre a forma correta de ensinar estes alunos, alguns optam por trabalhar de forma individualizada, mas isso acaba gerando uma “inclusão excludente”, pois o professor não está se mostrando disposto a flexibilizar a metodologia a fim de incluir o autista no planejamento das atividades escolares (RIBEIRO, 2019).

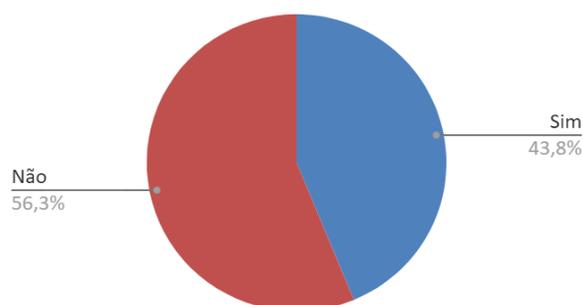
Os autores Varanda e Fernandes (2014), exprimem que os desafios das estratégias pedagógicas com o aluno com TEA implica tornar os passos visíveis e o mais claro possível para que o aluno tenha êxito em suas atividades (*apud* SANTOS, 2019 p.78). Sendo assim se faz importante as adaptações curriculares que se adequam às suas características individuais e diferenciadas, para que isso de fato aconteça é preciso que o professor trabalhe a além da parte pedagógica e as questões sociais de adaptação (ARAÚJO, 2018)

Para que todos os desafios sejam superados é necessário que os professores possam participar de projetos de formação continuada para que aprendam mais sobre o que é o transtorno e tornem-se capacitados para receber estes alunos.

d. Atendimento Educacional Especializado

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) é uma modalidade de ensino inovadora, que foi trazida pela Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (2018) e que busca a autonomia do aluno dentro e fora do âmbito escolar (FERREIRA, 2018 p.19).

Figura 5 - Atendimento Educacional Especializado



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura número 5, representa em sua parte vermelha que 56,3% dos trabalhos pesquisados não tratam do Atendimento Educacional Especializado e 43,8% falam sobre este assunto tão importante e necessário na inclusão.

Os autores Ferreira (2018), Picolini (2019) e Oliveira (2019) compartilham em seus trabalhos que o atendimento educacional especializado busca identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos que eliminem as barreiras e promovam a plena participação dos alunos, as atividades realizadas pelo atendimento se diferem das atividades da sala regular, sendo assim não substituem a escolarização.

O AEE é definido pelo Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011:

É gratuito aos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação, e deve ser oferecidas de forma transversal a todos os níveis, etapas e modalidades, preferencialmente na rede regular de ensino. De acordo com o decreto, o Atendimento Educacional Especializado compreende um conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos, organizados institucional e continuamente, prestados de forma complementar à formação de estudantes com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento; e suplementar à formação de estudantes com altas habilidades/superdotação (*apud* BARBOSA, 2019 p.200).

Segundo Ferreira (2018, p.31):

O AEE deve ser compreendido como: O conjunto de atividades, recursos de acessibilidade e pedagógicos organizados institucional e continuamente, prestado das seguintes formas: I - Complementar à formação dos estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, como apoio permanente e limitado no tempo e na frequência dos estudantes às salas

de recursos multifuncionais; ou II - Suplementar à formação de estudantes com altas habilidades ou superdotação (FERREIRA, 2018 p.31).

Nesta modalidade são atendidos os alunos com deficiência física, intelectual, visual, auditiva, múltiplas, Transtorno do Espectro Autista (TEA) e alunos com altas habilidades/superdotação este atendimento é realizado na sala Recursos Multifuncionais no própria instituição (FERREIRA, 2018).

AEE é feito por um profissional especializado, este tem como responsabilidade acompanhar o aluno, identificar suas necessidades específicas e organizar os recursos que auxiliará o aluno no seu processo de desenvolvimento (URPIA; FORNO; SILVA 2019).

O professor do AEE deve ter um olhar atento em seu aluno para produzir materiais didáticos-pedagógicos que atenda às necessidades e habilidades da criança. Ele deve trabalhar de forma articulada com os demais professores do ensino regular. É sua função organizar o tipo e número de atendimentos, avaliar o desempenho dos seus alunos de acordo com a funcionalidade e aplicabilidade dos recursos pedagógicos e da acessibilidade na sala comum e nos demais ambientes escolares (FERREIRA, 2018).

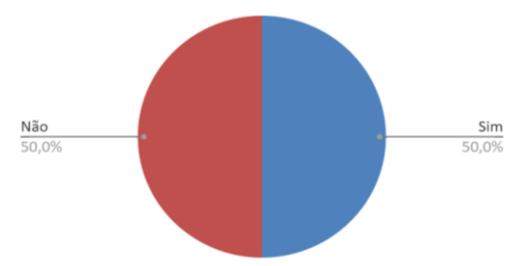
O trabalho do AEE é de suma importância e além de contribuir para o trabalho do professor regente, ajuda a criança no seu desenvolvimento cognitivo, na socialização e independência. Mas é necessário chamar atenção de que o atendimento educacional especializado não substitui o ensino de dentro da sala comum (OLIVEIRA, 2019).

O Atendimento Educacional Especializado é fundamental na inclusão das crianças com deficiência, sua principal característica é pensar os recursos pedagógicos que beneficia o desenvolvimento dessas crianças, o conteúdo utilizado no AEE serve de apoio a sala de aula regular, mas diferente do que muitos pensam este não é um reforço escolar ou complementação das atividades escolares.

e. Características de uma escola de ensino regular para o acolhimento do estudante com transtorno do espectro autista

Para que a escola seja verdadeiramente inclusiva é necessário que todos estejam envolvidos e comprometidos nesta construção, promovendo um ambiente que garanta a permanência do aluno com deficiência não apenas por que está previsto nas leis, mas pelo desenvolvimento deste aluno no processo de ensino-aprendizagem, ajudando essas crianças na aquisição das mais diversas habilidades (RIBEIRO, 2019).

Figura 6 - Características da Escola



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura 6 nos mostra que 50% dos trabalhos lidos para o desenvolvimento desta pesquisa falam sobre as características da escola inclusiva e da sua importância e os outros 50% não tratam desta temática.

Conforme destaca o Ministério da Educação (BRASIL, 2004, p.7) a escola deve ser considerada:

[...] o espaço no qual se deve favorecer, a todos os cidadãos, o acesso ao conhecimento e o desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania. É no dia a dia escolar que crianças e jovens, enquanto atores sociais, têm acesso aos diferentes conteúdos curriculares, os quais devem ser organizados de forma a efetivar a aprendizagem. Para que este objetivo seja alcançado, a escola precisa ser organizada de forma a garantir que cada ação pedagógica resulte em uma contribuição para o processo de aprendizagem de cada aluno (*apud* BARBOSA, 2019 p. 189).

A escola inclusiva dispõe de uma organização do sistema educacional, cada aluno é visto como único, são analisadas suas habilidades e dificuldades e tudo é estruturado em função destes aspectos, para que todos tenham as mesmas oportunidades de aprendizado (RODRIGUES, 75).

Compete à instituição de ensino a organização do espaço físico, do mobiliário, a busca pela aquisição de novos recursos de tecnologia assistiva entre outros para a manutenção e o desenvolvimento do ensino (FERREIRA, 2018).

Quanto a infraestrutura a escola deve ter rampas de acesso, banheiros adaptados, bebedouros adaptados, mobiliário acessível dentre outras medidas que permitem assim a acessibilidade (SANTOS, 2019).

A escola tem papel fundamental no processo de inclusão, antes de mudanças na estrutura física é necessário que a equipe escolar esteja preparada para receber estes alunos, é importante que todos independente da função que exerça dentro da instituição conheça e esteja disposto a ajudar, aos professores é necessário que tenham acesso a cursos de capacitação.

De acordo com Oliveira (2019) os sistemas de ensino devem disponibilizar:

“As condições de acesso aos espaços, aos recursos pedagógicos e a comunicação que favoreçam a promoção de aprendizagem e a valorização das diferenças, de forma a atender as necessidades educacionais de todos os alunos a acessibilidade deve ser assegurada mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas, urbanísticas, na edificação - incluindo instalações, equipamentos e mobiliários – e nos transportes escolares, bem como as barreiras nas comunicações e informações (OLIVEIRA, 2019, p.56)”.

A escola tem o papel de desenvolver estratégias para que os alunos com TEA consigam interagir e se integrar com os demais alunos, é ainda seu papel dar apoio, suporte e assistência. Um importante aliado da escola é a família que é responsável por dar atenção, cuidados, amor e zelo (SANTOS; SACHINSKI, 2018). A família deve estar presente na escola, é preciso que se estabeleça uma relação de confiança, pois a família é peça fundamental no desenvolvimento da criança, seja ela deficiente ou não.

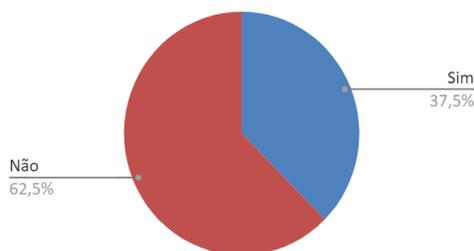
Em seu trabalho Dambros (2018) nos mostra que a escola inclusiva para as crianças com Transtorno do Espectro Autista é capaz de ajudar a minimizar situações que desencadeiam conflitos e ainda favorece melhoria em suas habilidades autônomas e sociais.

A escola para as crianças com autismo é a primeira oportunidade de conviver com outras crianças, embora seja um enorme desafio para o autista é também para a família e equipe escolar, pois vão ter que lidar com os preconceitos, com as limitações e dificuldades da própria crianças e do sistema de ensino, com a falta de recursos e capacitação, mas não se pode impossibilitar a oportunidade de socialização e aprendizagem que são capazes de mudar a vida desta criança.

f. Papel do Professor Regente

O professor tem o papel de mediador das aprendizagens, no qual o aluno deve sempre ser visto como sujeito ativo no processo de aprendizagem e deve ser levado em conta os conhecimentos por ele já adquiridos (ARAÚJO, 2018).

Figura 7 - Papel do professor regente



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura 7 mostra que apenas 37,5% dos trabalhos falam sobre o papel do professor regente, sobre o trabalho que o mesmo desenvolve, suas características e sua importância na inclusão das crianças autistas e os outros 62,5% não tratam da temática proposta neste tópico.

Para Barbosa (2019) o professor deve trabalhar com a ideia de uma educação de todos para todos, com atividades que trabalhem a individualidade de cada aluno, contando com recursos e condições para que o objetivo seja de fato alcançado.

Assim, o que se pode observar é que o professor tem papel fundamental no desenvolvimento dos seus alunos sejam eles crianças com necessidades especiais ou não. No caso das crianças autistas o professor tem um papel muito importante na percepção dos primeiros sinais do autismo, a partir da observação ele é capaz de perceber que a criança autista não segue a lógica de aprendizado, de estímulos e de comportamentos das demais crianças (DAMBROS, 2018).

O professor é a peça mais importante no processo de inclusão, pois é através da sua observação e das estratégias por ele utilizadas que os alunos vão se desenvolver. É preciso que este profissional tenha sempre um olhar atento, que preste atenção nos pequenos detalhes. No caso da criança com Transtorno do Espectro Autista o diagnóstico precoce é capaz de proporcionar a esta criança diferentes recursos que vão o ajudar e propiciar uma melhor qualidade de vida.

Conforme APA: American Psychiatric Association – Associação Americana de Psiquiatria (2013, *apud* SANINI; BOSA, 2015, p. 174):

Tais comportamentos podem ser observados durante uma brincadeira, conversa, podendo ser identificados nos primeiros anos de vida. Nesta perspectiva entendemos ser importante à inclusão dos alunos autista na escola, para que assim possam melhor se desenvolver e se comunicar (*apud* SANTOS; SACHINSKI, 2018 p.33).

O professor deve conhecer seu aluno como um todo, seus interesses, dificuldades e habilidades, deve conquistar sua confiança o elogiando, incentivando e ouvindo. No caso das crianças com autismo o professor deve sempre buscar incluí-lo em jogos, brincadeiras e atividades, ter um vocabulário claro e de fácil entendimento, as atividades devem ser objetivas e divididas em etapas, para uma comunicação mais fácil é possível a utilização de figuras, sobretudo é papel do professor promover a autonomia desse aluno (SANTOS, 2019).

O professor deve ser dedicado, paciente e com pequenos gestos e sutilezas ganhar a confiança da criança. Para que isso aconteça é importante que o professor possua qualificação profissional e esteja aberto a aprender sobre o assunto e suas especificidades, para que assim consiga auxiliar no seu desenvolvimento, buscando as melhores maneiras de agir, de se

comunicar, de organizar a rotina desse aluno e de entender suas especificidades já que geralmente a aprendizagem deles é mais lenta e gradativa e os mesmos apresentam dificuldades de interação com os colegas (FERREIRA, 2018).

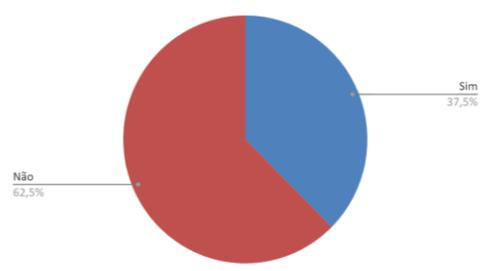
Muitos professores se sentem despreparados para lidar com as crianças autistas na sala de aula comum, muitos não possuem nenhuma especialização no assunto ou muitas das vezes nem entendem bem do que se trata ou como proceder em determinadas situações (SANTOS; SACHINSKI, 2018).

O professor deve inovar sua maneira de agir, adaptando materiais, a sala de aula e em determinadas situações até mesmo o currículo escolar. Para o aluno autista é muito importante que se tenha organização de sua rotina visto que o aluno tem dificuldade em se acostumar com a escola (SANTOS; SACHINSKI, 2018).

g. Atuação do professor de apoio

Segundo Ferreira (2018) e Silva (2018), o professor de apoio é um profissional especializado na modalidade de educação especial, que atua dando subsídios para a atuação ao professor regente em relação aos alunos com necessidades especiais, este profissional complementa o papel do professor regente, Silva (2018) completa seu pensamento dizendo que o professor de apoio é responsável pelo suporte pedagógico nas atividades do cotidiano escolar.

Figura 8 - Atuação do professor de apoio



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura 8 mostra que apenas 37,5% dos estudos trabalhados falam sobre a atuação do professor de apoio e sua importância dentro das salas de aula e 62,5% dos trabalhos não apresentam informações significativas para este tema.

É o profissional que reconhece as dificuldades e implementa práticas educativas alternativas sempre que necessário. Para que o professor de apoio consiga êxito em seu trabalho, ele necessita conhecer seu aluno, suas necessidades, dificuldades, interesses e facilidades (FERREIRA, 2018).

O professor de apoio está sempre auxiliando a criança que necessita de uma apoio intenso e contínuo, este estabelece com a criança uma relação de confiança e através do

acompanhamento diário é feito os apontamentos necessários para as adaptações nas atividades. Ele é o grande mediador entre a criança com suas especificidades, o professor regente e o processo de ensino-aprendizagem.

O professor de apoio e o professor regente devem criar parcerias ajudando um ao outro, eles devem estabelecer uma relação de compromisso, respeito, flexibilidade e devem compartilhar seus saberes e dificuldades. Cada um tem funções específicas dentro da sala de aula e um deve respeitar o espaço do outro para que não haja divergências (SILVA, 2018).

A autora Silva (2018) nos diz em sua pesquisa que:

A comunicação interpessoal é um dos mecanismos que compõem o sucesso do ensino colaborativo, já que, para haver entrosamento, os partícipes deste processo (professor da Educação Especial e da classe comum) precisam estar em consonância e unidos com o objetivo único de promover a aprendizagem do aluno que constitui o público alvo da Educação Especial (SILVA, 2018 p.76).

Barbosa (2018, p.185) aponta em seu trabalho que os professores de apoio potencializam o desenvolvimento acadêmico dos estudantes principalmente quando esses possuem alguma dificuldade no processo de escolarização. A interação entre eles e o planejamento conjunto são ferramentas que potencializam a aquisição dos saberes por parte dos estudantes.

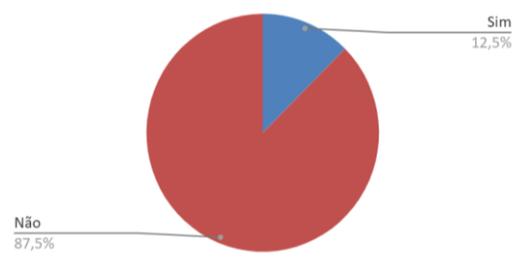
No caso dos alunos com Transtorno do Espectro Autista o professor de apoio deve priorizar o desenvolvimento intelectual e a autonomia, deixando o aluno sempre confiante, não dando ênfase para atividades mecânicas. O professor de apoio deve ser inserido na vida estudantil do aluno autista somente após a intervenção do psicólogo comportamental, pois este irá identificar suas limitações e potenciais, e isto irá orientar e coordenar o trabalho do professor (SILVA, 2018).

Sendo assim vemos que os autores Santos e Sachinski (2018) e Picolini (2019) concordam que professor de apoio deve ser participante ativo do planejamento e das atividades desenvolvidas e o auxílio do autista nas atividades sempre que necessário, ele deve atuar estimulando a criança para que a mesma se sinta confiante e não abandone a escola, que certamente é um lugar propício para seu desenvolvimento (SANTOS; SACHINSKI, 2018).

h. Tecnologia Assistiva no processo de inclusão

A tecnologia deve ser vista como uma poderosa ferramenta para o sistema de ensino e é uma grande aliada no processo de inclusão, a tecnologia assistiva busca a autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social, das pessoas com deficiências, mobilidade reduzida ou alguma incapacidade (BARBOSA, 2019).

Figura 9 - Tecnologia Assistiva no processo de inclusão



Fonte: desenvolvido pelas autoras

A figura 9 nos mostra que 87,5% dos textos estudados não falam sobre o uso da tecnologia assistiva no processo de inclusão da pessoa com autismo, apenas 12,5% dos textos tratam do assunto.

Em sua pesquisa Barbosa (2019, p.196) diz que a Tecnologia Assistiva são recursos tecnológicos didáticos definida pelo MEC/SEESP (1998) como “material didático é um instrumento de trabalho na sala de aula: informa, cria, induz à reflexão, desperta outros interesses, motiva, sintetiza conhecimentos e propicia vivências culturais. Sua aplicabilidade só enriquece a prática docente”, no caso das crianças autistas esta alternativa proporciona uma melhor qualidade de vida. Seu uso possibilita que a criança tenha maior interação com o conteúdo proposto. Um ótimo recurso são as atividades sensoriais esta proporciona a ampliação do tato, possibilita a vivência de experiências e sensações diferentes (BARBOSA, 2019).

Em seu trabalho Ferreira (2018) coloca que a Tecnologia Assistiva pode ser utilizada pelo Atendimento Educacional Especializado:

[...]com o intuito de realizar tarefas acadêmicas e adequação do espaço escolar, assim como: (i) Comunicação Aumentativa e Alternativa, para atender as necessidades dos educandos com dificuldades de fala; (ii) Adequação dos materiais didáticos pedagógicos às necessidades dos educandos, que são engrossadores de lápis, quadro magnético com letras com imã fixado, etc.; (iii) Desenvolver Projetos em parceria com profissionais, da arquitetura, engenharia, técnicos em edificações para promover a acessibilidade arquitetônica (ação em parceria com os gestores escolares); (iv) Adequações de recursos de informática: teclado, mouse, ponteira de cabeça, programas especiais, etc.; e, (v) Uso de mobiliário Adequado, que precisam ser garantidos pelas Secretarias de Educação, para adequação de mobiliário escolar, conforme especificações de especialistas na área para contemplar as necessidades de cada estudante (FERREIRA, 2018 p. 31).

A informática educativa é uma aliada do professor, pois permite que o mesmo tenha um maior número de recursos a sua disposição. A internet tem um importante papel na inclusão, pois aumenta as possibilidades de recursos e para os autistas o computador se torna um recurso essencial, pois possibilita que novos ambientes de aprendizado, além de proporcionar novas

formas de expressão, mas para que seja de fato eficaz é preciso uma metodologia e um plano de aula estruturado (BARBOSA, 2019).

O uso das tecnologias permite um maior acesso ao saber, mas para que isso aconteça de forma satisfatória é necessário que os professores se aprimorem, busquem conhecimento na área.

4. Considerações Finais

O Transtorno do Espectro Autista é um transtorno global do desenvolvimento, que compromete a comunicação, interação social e as atividades restrito-repetitivas.

Seus sintomas aparecem nos primeiros anos de vida das crianças, e seu grau varia de acordo com o grau de comprometimento. De acordo com essas variantes o autismo se classifica como: Autismo Clássico, Autismo de Asperger ou Autismo de Alto Funcionamento, Transtorno Desintegrativo da Infância e o Autismo Atípico.

Após a pesquisa fica claro que para a real inclusão da criança autista nas escolas de ensino regular, ainda precisamos superar vários desafios, são necessárias ações de qualidade, pois apenas adaptações estruturais não vão adiantar, é preciso que o docente adote novas metodologias, tendo autonomia na elaboração de seus planos de aula proporcionando a criança autista as mesmas oportunidades que os demais alunos, mas sempre respeitando e os auxiliando nas dificuldades.

A construção dessa inclusão é fundamental para o desenvolvimento da criança autista, propiciando novas vivências e experiências. Para isso se faz necessário que o docente supere barreiras, realize pesquisas e inove nas suas técnicas pedagógicas e acima de tudo não limite o potencial do aluno.

Esse trabalho se mostra muito importante, pois busca entender o processo de ensino aprendizagem da criança com Transtorno do Espectro Autista na educação infantil a partir das estratégias utilizadas pelo professor regente em sala de aula, após esta pesquisa é possível perceber que o processo de ensino-aprendizagem do autista se dá sobre tudo com paciência, dedicação e apoio. É preciso que se crie uma corrente onde todos estão em prol da aprendizagem da criança autista.

O professor regente é peça fundamental, pois é ele que estabelece as atividades e os processos que serão utilizados, mas ele precisa contar com a parceria do professor de apoio que esta lado a lado com a criança todos os dias e percebe de perto suas habilidades e dificuldades, este conta com o Atendimento Educacional Especializado que através dos recursos disponibilizados é capaz de favorecer e estimular o desenvolvimentos, e além destas três peças

fundamentais acima citadas não pode ser esquecida o restante da equipe escolar, a família, as outras criança.

Esta pesquisa também proporcional um real entendimento do que de fato é a inclusão, que não é apenas a inserção da criança autista no ensino infantil, são necessários vários recursos para que essa inclusão aconteça de verdade, além dos recursos é de suma importância o estudo e o acompanhamento de cada criança de forma individualizada por profissionais capacitados e comprometidos.

REFERÊNCIAS

BARBERINI, Karize Younes. A escolarização do autista no ensino regular e as práticas pedagógicas. Universidade Presbiteriana Mackenzie CCBS – Programa de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento, São Paulo, v.16, n.1, p. 46-55, 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-03072016000100006.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70, 2011.

Base Nacional Comum Curricular. p. 35-53. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

CÂMARA, Rosana Hoffman. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia, 6 (2), jul. – dez, 2013, 179-191. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 18 de maio de 2021.

FEITOSA, Raimundo Moacir Mendes. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Ministério da Educação Conselho Nacional de Educação – DF, 2009.

GRACIOLO, Maria Madalena. BIANCHI, Rafaela Cristina. **Educação do Autista no Ensino Regular: Um desafio à prática pedagógica.** Nucleus, v.11, n.2, out.2014. p. 125-138. Disponível em: <http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/989/1668>.

RESOLUÇÃO CNE/CEB Nº 5, DE 17 DE DEZEMBRO DE 2009. Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/Downloads/ccs/concurso_2013/PDFs/resol_federal_5_09.pdf. Acesso em: 26 de junho de 2021.

SCHMIDT, Carlo. Transtorno do Espectro Autista: onde estamos e para onde vamos. **Psicologia em Estudo**, v. 22, n. 2, p. 221-230, 2017.

SILVA, Fabiana de Lima; FRANÇA, Aurenia Pereira; SOBRAL, Maria do Socorro Cecílio. **Educação Inclusiva: O Autismo e os Desafios na Contemporaneidade.** Id on Line Rev. Mult. Psic. V.13, N. 48 p. 748-762, Dezembro/2019. Disponível em: <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/2283#:~:text=Na%20escola%20inclusiva%2C%20um%20importante,%C3%A9%20considerado%20defici%C3%Aancia%20Por%20Le>
i.

TYBEL, Douglas. O que é Pesquisa Bibliográfica? 2017. Disponível em: <https://guiadamonografia.com.br/pesquisa-bibliografica/>. Acesso em: 18 de maio de 2020.

VIEIRA, E. A. O. Revisão sistemática. *In*: MARTINS, Ronei Ximenes (org.). **Metodologia de pesquisa**: orientações com ênfase na área de educação. Lavras: UFLA, 2021.